

Educação é a prioridade



A educação e a saúde são os segmentos da sociedade brasileira que mais precisam de melhorias, segundo estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e divulgado no último mês de dezembro. Dos entrevistados, 88% querem melhoria na saúde, e 73%, na educação. O tema violência foi citado como preocupação por 61%, e 60% querem mais oportunidades de trabalho.

Como se vê, é na educação que reside um dos maiores problemas para o desenvolvimento do País, e é no ensino básico que encontramos as maiores dificuldades. Esse conceito foi confirmado no Clinton Global Initiative Latin America, evento promovido pela Fundação do ex-presidente americano Bill Clinton, intitulado *Desenvolvimento na primeira infância: fechando lacunas e abrindo futuros*. Falando naquele encontro, Marcelo Neri, presidente do Ipea, afirmou que o período anterior ao ensino formal é a faixa com o melhor índice de retorno para o investimento pú-

blico - “para cada real investido na primeira infância, nós recebemos muito mais em troca, pois, melhorando a educação desde a base, cria-se um efeito multiplicador para todos os outros níveis de ensino, tanto o fundamental quanto o médio e o superior.”

Está mais do que na hora de mudarmos conceitos e partirmos do discurso para a ação. O Plano Nacional de Educação, que deveria entrar em vigor em 2011, sequer foi aprovado no Congresso, e ainda se discute com intensidade o aumento de verbas para o setor, mas os últimos resultados dos exames internacionais comprovam que isso não é suficiente. O importante é a gestão; não é o *quanto* gastar, mas *como* gastar, principalmente no ensino básico.

Com base nos últimos resultados das provas do Pisa, Andreas Schleicher, vice-presidente da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), órgão que promove a pesquisa, afirmou que, no atual ritmo de evolução do ensino do País, os



brasileiros levarão 25 anos para atingir a média de notas dos estudantes dos países ricos. De acordo com os resultados, pioramos em leitura e ficamos na mesma em ciências, com uma melhora em matemática, mas ainda ocupamos o 58º lugar no ranking formado por 65 países. É muito pouco para um País que está entre as primeiras economias do mundo e busca incessantemente seu desenvolvimento.

É o momento de as autoridades responsáveis pela política educacional brasileira adotarem medidas para acelerar o ganho de qualidade e a melhoria do ensino. Não é só de verbas que precisamos, pois o Brasil vem aumentando seus investimentos no setor, que passou de 4,7% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2000 para 6,1% em 2011 e, pela proposta do PNE, esse percentual deve chegar a 10% em 2020. Há três meses, o governo aprovou com muita ênfase o repasse de 75% do dinheiro do pré-sal para a área educacional.

Verba é importante, mas não é tudo. Deveríamos tomar como exemplo as políticas educacionais promovidas na China, Coreia do Sul, Finlândia e no Vietnã, cujos estudantes participaram pela primeira vez da avaliação do Pisa e se colocaram em 17º lugar no ranking. O Vietnã é um país pobre, com uma economia eminentemente rural, mas que elegeu a educação como prioridade e agora colhe os frutos dessa escolha. ■

*Presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo (Sieeesp)

benjamin@einstein24h.com.br